

Edimilson Ramos

Light Novel

O Gosto da Carne



O Gosto da Carne

PREFÁCIO

O "Gosto da Carne" narra a história de um homem que se tornou escravo dos seus próprios sentidos, duas sensações de natureza diferente por um único estímulo. Existem várias intertextualidades e há também intratextualidade de poemas no percorrer da história e o autor utiliza-se da símile para fazer várias comparações entre as fêmeas do mundo animal com as do cotidiano de suas épocas. Uma segunda aparição surge como uma peripécia e altera o que parecia ser atemporal, o gosto da carne.

"A vida é como uma senoide, que ora alcançamos o positivo, ora o negativo, mas devemos manter esta ondulação filtrada transformada em corrente contínua para que não tomemos choques."

O Gosto da Carne

O Gosto

Havia uma pilha de revista de fotonovelas italianas sobre a mesinha ao lado da cama do meu irmão e um violão pendurado na parede. Optei por escolher a ficção, entrei em uns dos personagens de Luck Martin e iniciei o meu romantismo. O menino começava a sonhar, a sonhar que salvava a menina das mãos do vilão e ganhara um beijo na boca no final da página. As histórias em quadros e quadrinhos eram aprovadas pela censura e me viciiei a lê-las. Permutava revistas como se trocava figurinhas e enchia o meu coração de sentimentalismo.

Era uma emoção exagerada que fazia com que me apaixonasse pela professora do primário, um amor platônico. Sentava-me na primeira cadeira próxima a sua mesa e observava aquele arroubo de mulher, uma beleza encantadora. O quadro negro moldurava seu retrato na parede da sala de aula e eu a transportava para minha fantasia, minha própria novela, criava cenas em que Ângela era sequestrada pela máfia italiana e resgatada pelo menino prodígio. No dia seguinte ela estava de volta às aulas sã e salva, linda como as margaridas ornamentadas pelas dormideiras do caminho da escola.

Uma fase que passou quando no primeiro dia de aula, a educadora não constava na lista de professores do colégio, a musa havia se casado e mudou de escola. Como uma nuvem que passa, a paixão foi levada pela corrente de ar do clima tropical da cidade do Rio de Janeiro.

A boa performance das minhas notas e o asseio do uniforme engomado por Dona Angelina me induziu a participar de um almoço confraternal com a presença da secretária de educação do município. Foi um orgulho para o filho da mulher que lavava e passava as roupas dos marinheiros da Praça Mauá. O prato fora servido e a minha destreza adquirida pelos preceitos de Seu Miguel me ajudou a ter tranquilidade e logo a timidez foi se afastando. Mas a diversidade dos alimentos chamava a minha atenção, era coisas novas, uma

culinária diferente do feijão com toucinho fumeiro que estava acostumado a degustar. Ao término da refeição fui contemplado com a mais sávida das sobremesas, uma tigela de morango ao creme de leite. Eu nunca tinha tido uma sensação química tão especial, o meu palato armazenava aquele adocicado petisco e minhas papilas gustativas reconheciam o sabor indescritível, porém, delicioso.

O gosto é algo que não se pode explicar, é peculiar, diferente dos outros sentidos. A visão, por exemplo: Todos veem a mesma cena. Os outros sentidos também correspondem a esta ideia, mas o gosto é questão de sentimento, de estética. As cores daquela tigela de morango coberta pela neve cremosa provocara em mim uma vontade enorme de sorvê-la e a sua temperatura refrescou a minha sede de comer.

Um Momento Puro

A viagem de lotação até o largo do Machado era cansativa, todavia o ar puro infiltrado em minhas narinas pela folhagem das Paineiras compensava o mal estar e revitalizava os meus pulmões. Eu acabara de chegar ao Morro dos Prazeres acompanhado de minha mãe para a festividade de batizado de Belinha, um bebê abençoado, que meu irmão teria me oferecido a apadrinhar. O morro mais alto do bairro de Santa Tereza me recebia com uma visão panorâmica privilegiada. A população carioca era de poucos milhões, conseqüentemente havia raras comunidades nas encostas e o que se via lá de cima era uma bucólica beleza inspiradora.

Comensais da festa se divertiam e mostravam suas perícias nos pés ao formarem a roda de samba. Entre as passistas, uma jovem branca contrastava a raça predominante do espetáculo e se destacava pela sua ginga e rebolado. Fui empurrado ao seu encontro e embolsei uma das melhores aulas de dança que um portuga do samba pudesse receber. Arlete colocava minhas mãos em sua cintura a subir as suas em meus ombros e a deslizar pelo improvisado salão, suavemente. A tremura de minhas pernas foi cessando levemente devido ao calor provocado pela arte da formosa dançarina.

A lua, próxima a comunidade, nos convocava a apreciar a encantadora Cidade Maravilhosa. À beira de um barranco verde, a natureza reservara um lugar particular para os amantes. A Deusa do Amor agradecia o local e reservara um momento muito especial para o casal. O ambiente era propício a uma grande noite de amor ao luar, mas Afrodite deve ter se decepcionado, pois Arlete contrariava a si mesmo e transformava a garota rebelde em uma carente criatura a buscar apenas o amor e o carinho do rapaz puro que o céu a havia enviado. Beijos e beijos foram trocados durante toda a noite e cochilamos ao pé da lua que nos abençoava e se despedia discretamente.

O amanhecer iluminou o meu café da manhã e logo surgiu Arlete para me desejar um bom dia e se despedir, pois ambos teríamos que retornar aos nossos lares. Ela morava em um apartamento no Bairro de Fátima e visitava o morro frequentemente. Nada me assustava naquele momento e aceitei o convite de ser escoltado até a descida do morro e no caminho, esquecemo-nos

dos curiosos e nos beijávamos demasiadamente. O adeus foi a última imagem que tive de Arlete.

Mano me visitou no dia seguinte e me proibiu de contatá-la, pois a jovem possuía uma vida conturbada, era uma moça da cidade viciada em drogas, ex-detenta e recentemente havia rompido o relacionamento com o dono do “movimento”.

O Encontro

Uma campanha política para a eleição a Deputado Estadual vinha acompanhada da sensualidade de Vanda. A noite enlustrada iluminava minhas coxas matizadas de bronze naquela partida de futebol na quadra aberta da Associação de Moradores. Inúmeras pessoas participavam do evento e fui agraciado pelo interesse da moça branca de cabelos curtos e pretos. Ela se aproximara e me oferecia a sua companhia naquele coquetel caçador de votos e eu já possuía o ideal de não votar. O campo aberto do parque de eventos possibilitava uma conversa mais reservada e a sobrinha do candidato me arrastou para um banco de madeira que combinava com o relevo neve de sua pele e durante toda a sobra do evento eu recebia beijos e promissões. Marcara para o dia seguinte, um encontro na estação de trem do bairro de Madureira, subúrbio do Rio.

Uma noite longa antecedeu à tarde do sábado ensolarado. Eu ensaiava situações frente ao espelho do meu guarda-roupa a dizer palavras de amor tiradas das novelas românticas e a criar um mundo de fantasia carnal. Minha confidente, Dona Angelina, adiantava-me alguns trocados e desejava boa sorte ao marinheiro de primeira viagem. No assento da estação, eu aguardava a chegada de Vanda. Com uma calça pantalon, sapatos plataforma e uma blusa cacharrel cor de vinho, eu misturava o soul de minha mente ao som do samba enredo de Beto Sem Braço, compositor da Escola de Samba Império Serrano, localizada ao lado da Estação de Magno.

Os trilhos gritavam com a chegada de cada trem traiçoeiro e eu observava os meninos invadindo a via ludibriando a rede pública sem cumprir o compromisso de um bom cidadão, a cota da passagem. A cada minuto derradeiro, uma angústia, um estado de ansiedade, um sofrimento na ânsia de avistar a chegada triunfal daquela que me defloraria. Os alaridos das locomotivas findaram. Fazia horas a espera, pois a certeza da sua chegada era tanta que os versos escritos pelas mãos apaixonadas no prospecto do candidato estavam no meu bolso a declamar-me, mas contradizia toda aquela desarmonia.

Como os trens pararam de circular, eu fiquei a ver navios e a última lotação de ônibus me levaria para casa. Foi quando o branco se despediu da minha mente e revelou que havia outra estação de trem em Madureira, que recebia o trajeto a vir de Nova Iguaçu, cidade onde residia Vanda.

Nunca soube do seu paradeiro, não tive coragem de procurá-la, tal foi a desonra. Estava sendo adiado o gosto da carne.

O Primeiro Mico

Acabara de completar 20 anos de idade e me apresentava ao primeiro emprego. Assumira o cargo de técnico de campo e teria que viajar para São Paulo para frequentar cinco semanas de um curso programado. Tudo era inédito, pois nunca tinha viajado de avião e estar longe da família parecia ser um desafio, mas a possibilidade de me tornar um homem bem sucedido levava a enfrentar este obstáculo. A ansiedade do primeiro voo me deixava inquieto, não consegui dormir na noite anterior a do embarque. Também já me imaginava andando pelas ruas da cidade a me aventurar. A partir do momento em que meu pai me deixou no Aeroporto Santos Dummont, tudo era novidade. O check in foi dificultoso, pois para conseguir o meu cartão de embarque percorri por diversos setores a perguntar qual seria o da empresa aérea. Enfim a moça elegante da Vasp me deu todo o apoio e lá ia o menino para o embarque rumo ao destino. Dentro da nave, os procedimentos anunciados pela aeromoça eram confusos, porém foi fácil entender a utilidade do cinto de segurança. Ao meu lado, sentara uma linda mulher, perfumada e requintada. Suas vestes de executiva chamavam a minha atenção e procurei assuntos para conhecê-la, o que seria ótimo para encurtar a viagem de apenas cinquenta minutos. Logo o serviço de bordo começou a servir lanches e bebidas e ao me oferecer, eu aceitei um copo de vinho suave e paguei o primeiro mico no ar. Solicitei pedras de gelo e a vizinha ao lado delicadamente comentou:

- Não se coloca gelo no vinho, meu filho, o vinho tinto é mais bem apreciado na temperatura ambiente.

Perdera a oportunidade de me intimidar com a moça e a viagem seguiu em silêncio. Quando o avião pousou e a voz da cabine anunciou o processo de destravamento do cinto de segurança, eu não conseguia soltá-lo e esperei todos levantarem para não passar a vergonha de pagar outro mico. Comecei a tentar destravar o cinto utilizando um palito de dente até que um dedo macio da aeromoça encostou-se à trava e com um leve toque, desprendeu-me do assento.

Novidades

A primeira vez de tantas coisas seria inevitável, pois tudo seria novidade para um garoto suburbano que não estava totalmente integrado à sociedade e que a sua vida compunha de muita dedicação aos estudos e o lazer do futebol.

Era jovem e admirado pelas ninfetas do bairro, porém não tinha usufruído ainda do prazer da carne, minha virgindade era surpreendente para a época em que era hábito dos pais levarem seus filhos ainda no início da puberdade a perderem seus cabrestos com prostitutas da Pinto de Azevedo. Na Terra da Garoa, sentia-me perdido no meio da “Boca do Lixo”, e no Hotel Rojas, hospedara com outros demais funcionários Burroughs de outros estados e iniciava-se então uma grande aventura. Culturas diferentes se misturavam a minha e durante o evento profissional havia respeito, mas fora do ambiente da empresa, a cada noite, aprontávamos diabruras nas ruas e nos largos do centro da cidade.

O primeiro fim de semana chegara e todos retornaram a suas cidades natais, a seus lares. Sozinho no hotel, eu aguardava outros aprendizes chegarem para a rotina de uma nova semana. O sábado nublado me convidava ao Parque Ibirapuera para um passeio e imigrantes disputavam a pelota na relva do parque e o atleta amador não dispensou a pelada. Após o primeiro toque na bola, logo se percebeu a naturalidade do jogador e sua alcunha definida como “Carioca” tomou conta da boca dos chilenos, japoneses e paulistanos. Distribuí canetas e lençóis, o que me deram alguns minutos de fama desfrutada naquela manhã e a tarde, uma sessão de cinema me aguardava no Largo do Arouche, aonde ao lado, as meretrizes desfilavam sobre enormes saltos as suas esculturas em frente o Banco de Crédito Nacional. À noite, o bar do Rojas era o meu ponto favorito e gastava-se ali toda a diária. O domingo era curto, pois meu sono encerrava-se às 15h00min e não se aproveitava o dia devido ao tempo curto que sobrara da tarde. A noite era de descanso e sabia-se que a labuta do dia seguinte era fundamental para a carreira técnica de um jovem promissor.

A Aparição

A manhã estava límpida, a janela do quarto não impedia a visão do desfile de uma bela criatura do outro lado do prédio a desfilar nua na sala de estar de seu apartamento. Parecia um corpo escultural de uma mulher de cabelos dourados e não resisti à tentação. Encarei-a na certeza de ser o único contemplado no prédio de seis andares e diversos apartamentos de frente para o edifício de tão bela vitrine. Minhas pernas balançavam diante daquela inédita cena e como um leão percebia o odor da fêmea trazido pelo vento a meu favor.

Eu retornava ao romantismo, colocava-a no altar. Intocável, ela recebia a minha exaltação, pois era impossível de palpá-la naquele momento de apenas admiração sobre o peitoril da minha janela. Eu a observava todas as manhãs e poetava:

Intocável

Pela imensa noite vazia
Eu a tenho em meus sonhos
Estranho ...
Não a toco, todavia

Pela imensa noite sem lua
Eu aguardo o amanhã
Estranho ...
Não a vejo totalmente nua

Pela imensa noite agitada
Eu me levanto da cama,
Estranho...
Não a vejo, é ainda madrugada

Pela imensa noite a terminar
Permuta-a pelo dia
Na certeza que irei tocar,
em sonhos, nos atalhos de Sophia

A Primeira Vez

Realizei várias tentativas de conseguir o contato até eu obter finalmente um acesso direto a dama. Percebendo que ela saía de seu apartamento todas as noites, houve-se até uma especulação de que era uma dama da noite, entretanto ao abordá-la na rua, a história era de uma mulher altamente consagrada como uma grande cantora clássica e apresentava-se sempre à noite no Teatro Municipal. Sophia era imigrante italiana e vivia há anos no Brasil e tinha a idade de 53 anos. Sua pele rejuvenescida era como uma cortina de seda, tão suave que ao tocar em suas mãos para cumprimentá-la, senti a sensação de estar abafando o meu corpo, pois uma quentura foi irradiada em mim e a vontade era de não mais largá-las. Alcancei o êxito de poder encontrá-la novamente em um restaurante da Avenida São João em companhia de uma garrafa de vinho tinto. Trocávamos ideias e mesmo com a diferença de idade, nada impedia que o diálogo fosse tão saudável. A cada instante observava detalhes de seu rosto, bonito como um jardim de plantas perfumosas e cedi à tentação de tocá-lo. Sua boca era suave e desejável. Recebeu o toque de meus dedos que embebidos dos favos de mel manados de seus lábios amarelos percorreu por toda a sua face nevada moldando o mais belo semblante das belas. Um suave contato dos meus lábios nos de Sophia fazia trêmulas minhas pernas e aos poucos fui aceitando o prazer de beijá-la. O tempo era curto para tantos contatos labiais e ao tentar retornar para o hotel, recebi o convite para dormir em seu apartamento.

Seria a minha primeira vez e os deuses do amor reservaram aquela noite especial somente para mim. Sophia era linda como uma égua bem tratada, com seus cabelos caindo-lhe aos lados a deixar soberbo o seu pescoço. Desfilava para mim o seu corpo notável para que eu apreciasse a imagem de suas coxas, uma verdadeira obra, como se fosse uma arte de Goya. O umbigo, como uma taça redonda, que não há escassez do vinho. Os seus seios eram como um par de cerejas gigantes, que decora os drinks da corte. A sua cintura, como uma ampulheta a marcar o tempo do meu deslumbre. Minha vontade era de enchê-la de colares preciosos para que eu pudesse pendurar-me ao escalar seu corpo. E ela veio entregar-se como um animal adestrado que a cada gesto meu entendia o quanto eu dependia da sua

sede. Minhas mãos percorriam os montes de seu torso, subiam e desciam maviosamente até receber as suas e ficarmos atados um ao outro em cima de um acolchoado edredom. Descobri o gosto da carne, o sabor da cópula, a mais intensa sensação de prazer do homem como escravo do amor. O dia amanheceu e despedi-me com um beijo na sua testa mostrando o respeito que eu tinha adquirido nas poucas horas em que vivi a tão maravilhosa experiência, a qual fez a mim, sentir o saboroso gosto da carne.

No dia seguinte, como um dependente químico, procurei-a no seu apartamento e não obtive respostas a tantos toques da campainha. Repeti esse gesto por vários dias e como não conseguia encontrar Sophia, perguntei ao porteiro, um sujeito nordestino com cara de fofaqueiro, se ele sabia dizer o porquê de eu não conseguir encontrar a mais encantadora mulher do condomínio. A resposta me surpreendeu, a cantora clássica que escreveu seu nome em minha vida havia desaparecido sem deixar pistas. Insisti em encontrá-la indo ao teatro municipal. Dei o seu nome como referência, mas a resposta foi que a Senhora Micheletti não fazia mais parte do grupo cativo de cantores e teria regressado à Itália. Minhas lágrimas entregavam a minha tristeza e mesmo assim dei continuidade a minha rotina: estudar e me aperfeiçoar em um produto tecnológico que o Brasil ainda não conhecia. À noite, acompanhado da melancolia, percorria a calçada da Avenida São João e na esquina com a Avenida Ipiranga, as meninas da noite me convidavam a visitar os seus biombos e saciar o meu desejo. Eu sentia nelas o perfume e a imagem de Sophia.

Na Itália, Sophia devia exibir o troféu de dedução ao desvirginar o menino carioca de quase dois metros de altura, que ficou a ver navios levados pelo vento. Quantos garotos deveriam ter passado pela mesma experiência ou será que houve um sentimento carinhoso e marcante naquela criatura de talhe escultural. Seriam especulações. Cheguei à conclusão, com o passar dos anos que “Houve uma vez um verão”. A sua efígie gravada em minha memória não volátil cristalizava-se.

O Vício

O hedonismo brotava em mim e a busca constante do prazer a cada dia deixava minha tristeza ir embora. Segui em frente e encontrei muitos amores. As mulheres me perseguiram; mulheres do tipo atrevidas, do tipo acanhadas, do tipo vividas, casadas carente, solteiras, feliz, donzela e até meretriz, cabeças, desequilibradas, confusas, de guerra e... . Cada uma delas vinha escoltada do aroma e do retrato de Sophia.

Manu era atrevida, sua língua afiada estava sempre disposta a rebater quaisquer que fossem as questões, mas como uma gata no cio ela era muito carinhosa. A mudança de comportamento era devido à fase da lua, pois se esfregava em mim amorosamente para que eu pudesse ceder aos seus desejos e levá-la para cama. Era preciso ligar a vitrola para que os estampidos choros de criança fossem abafados pelo som de Slave to Love. Goreth, acanhada como um primata Lóris, era extremamente fofa, aparência inofensiva, adorava receber carinho e o seu olhar meigo pedia socorro. Entretanto, seus abraços eram maliciosos, pois eu me sentia envenenado a cada aperto seu. O medo do relacionamento, fez com que eu tivesse o hábito de usar preservativo para evitar que seu sangue entrasse em contato com minha corrente sanguínea a me levar a morte. Diná, vivida, experiente mulher, que como uma cadela abandonada recebeu todos os meus cuidados. Ao tê-la sempre em meus braços, retribuía com afeição. Sempre disposta a me defender, foi uma grande parceira e talvez a mais fiel. Em pouco tempo consegui adestrá-la e levá-la para o nosso leito com um simples gesto ou olhar. Ela não podia ter filhos e isto fazia com que nossos cruzamentos fossem mais originais, sem o tom de cinzas, com todas as cores do amor. Lílian era casada, porém não vivia feliz com seu marido e a tive como amante. Carente como uma leoa, pois saía à caça enquanto seu macho desfrutava da corte. Tornei-me um de seus enalços e me entreguei completamente à suas presas. Transformei sua penúria sexual em abundantes momentos de regalo. Como macho dominante, tive o privilégio de copular por vários dias na época em que minha caçadora obtinha o vício. Elisabeth, solteirona, totalmente descompromissada, somente interessava-lhe as emoções. Não tinha compromisso com nada, parecia um inseto bicho-pau australiano que somente se acasalam quando lhes

convier. Tê-la em meu aconchego todas as noites foi uma grande conquista, pois a fama de repelir os interessados em seu corpo foi rompida com a minha forma de deixá-la à vontade e ser escravo de suas vontades. A iniciativa era sempre dela e eu fazia “charme” para que pensasse que havia um desprezo, o qual foi arma para obtê-la sob o meu domínio todas as vezes que misturávamos os nossos suores derramados pelo calor das nossas sensações. Leila era como um quokka, marsupial australiano, dona de um sorriso irresistível e até quando dormia tinha um sorriso maroto no canto da boca e dava-me tranquilidade para administrar nosso lar e qualquer coisa era de seu agrado. A perfeição não era mania, era uma virtude inata da mulher que nasceu para ser feliz, tão feliz que seus momentos libertinos eram exagerados, o que me fazia um ser satisfeito, pois havia excesso de amores. Este tipo de mulheres entrou em extinção e não acredito que haja hoje uma nova Leila, o sinônimo de felicidade, pois depois que a conheci passei a acreditar que “a felicidade dura pouco”. Ana era donzela, seu pai era uma fera, mal sabia ele que ela era como uma pantera. Subia em árvores, com suas grandes garras arranhava-me tentando tirar o meu traje e com seus dentes afiados mordida meu pescoço tentando me imobilizar para o seu total apetite. Era trancafiada pelo seu genitor e ao desejar-me, fugia durante a noite e vinha me capturar para que eu me tornasse alimento de sua preciosa degustação. Adorava o seu jeito de achar que a vida podia ser maravilhosa. Léa era como uma cachorra perdida, mas confesso que não consegui consumi-la, comprava apenas o seu tempo, a sua companhia para poder conversar, expor os meus problemas, desabafar os meus sentimentos, a minha dor. Para mim, Léa era como uma irmã que eu queria ajudar a sair da vida mundana. Adorava estar ao seu lado, não pela beleza, mas pela autenticidade das suas palavras. Uma mulher encantadora, vítima desta sociedade controladora que a impedia de se libertar. Dava-lhe conselhos e a incentivava a estudar. Ao beijá-la em seu rosto, sentia a sensação de que um dia a veria como um cisne branco bailando ao redor do lago. Camila, como uma elefanta, solidária e repleta de sabedoria, ela sabia me conduzir. Líder por natureza, sua força impedia qualquer ameaça. Seus compassos do samba denunciavam a vontade de me possuir. Escandalosa, não se importava com o que se pensavam da nossa relação estral e ao terminarmos o ato, carinhosamente, eu passava o tempo a acariciando até

retirar-me. Marta era uma mulher desequilibrada, como um animal bipolar, um animal selvagem pronto para escapar a qualquer momento, que precisava de grades fortes para ser contida. Uma luta longa e difícil para amansá-la, mas valia a pena porque no momento de mansidão eu sugava o máximo do seu polo positivo para viajar nos sonhos regidos por Afrodite. Vivia-se um intenso amor e quando cessava, tinha a paciência para o retorno do novo ciclo. Ora onça, ora coala, eu já havia me acostumado com aquela alternância. Dalila, como um ornitorrinco, ela era confusa e exótica, sua aparência era estranha. As pessoas me perguntavam o que eu via naquela mulher tão atrapalhada e eu dizia que não tinha nada a ver com carne, era talvez pelo seu modo peculiar de ser. Chamava a minha atenção o jeito dela nunca desistir de algo que havia iniciado, poderia durar horas, porém finalizava com êxito e na cama, o sexo atarantado me fazia bem, satisfazia-me completamente. Solange, guerreira como uma abelha operária. Responsável pelo trabalho pesado, não reclamava de nada e era “pau para toda obra”, Estava sempre disposta a me servir, todavia dependia do meu açucarado prazer para adquirir forças e madrugar na beira de um fogão e preparar um excelente biju amanteigado. Era doce como o néctar de uma flor e me fazia sentir como um colibri esfomeado sempre ao seu redor.

A Derrota

Em outros anos, foi necessária a estada naquele hotel da Boca do Lixo. Eu sempre escolhia um quarto frente ao prédio da imagem cristalizada em minha mente. Deixava a cortina aberta e observava a mesma janela que um dia, escancarada, exibia-se Sophia a sua pele leitosa a transferir um bálsamo de tolu a traspassar o meu cômodo. Um dia qualquer, sem brilho, surgiu uma figura. Cabelos compridos, a parte de cima exposta com seus seios sustentados pela pedra de granito sobre a janela. Uma cena interessante e convidativa. Ainda escravo da carne, eu me apresentei à janela e recebi um cumprimento manual a me chamar. Suas mãos indicavam no vidro da janela, em Libras, a mensagem do número do seu telefone. Ao me comunicar com a anfitriã, recebi o convite para tomar um drink em seu apartamento. Lisonjeado, organizei-me de uma maneira elegante, tomara um banho quente e aromatizava-me de um Patchouli, perfume da moda, para poder despertar na presa o desejo de consumir-me. Desci do hotel, atravessei a larga São João e invadi zoo de pedra o qual me aguardava o objeto de prazer. Toquei a campainha e logo surgiu uma corporatura na porta de cabelos úmidos soltos espalhados pelo pescoço a tampar o seu pomo de Adão, de saltos abundantes e uma voz de excessiva rouquidão. Levei um susto e logo percebi a armadilha preparada para o caçador. Seria um castigo, uma desgraça ou uma praga de Sophia. Corri em direção as escadas e como um moleque fujão, descí os degraus desordenadamente até chegar ao térreo atravessando a rua entre as lotações e mergulhando no meu seguro habitat, O Hotel Rojas. Sentei na cadeira do bar, pedi uma vodka, duas, três...

A Queda

Mas outra, traiçoeira como uma cobra, talvez tenha sido a mais bela, porém suas falcatruas elevavam-na ao posto da mais perigosa. Gostosa como o pecado que vem com sabor de mel e te seduz a lambuzar-se. Lídia me hipnotizava e me nocauteava tal qual um punquista de mãos leves golpeia a bater carteira. Peçonhenta, ela me deixava tonto, eu respirava com dificuldades, meu coração fora do ritmo me assustava. Seu adocicado veneno alterou minha visão, que ficava embaçada e desfocada. Uma serpente sagaz invadira o meu campo e me seduzia astuciosamente para seu leito de feno instalado em seu barracão. Um espaço carregado de frutas que dava a ideia de que eram boas para se comer, agradável aos olhos e desejável. A pomba girava ao meu redor e enfeitiçado, eu atendia aos seus desejos. Como eu poderia me libertar da magia que vinha acompanhada do odor e imagem de Sophia?

O telefone celular acabava de entrar no mercado. Eu a tinha presenteado com o mais avançado do comércio e nesta noite eu havia tomado um bolo. O seu telefone celular dera defeito e ao ligar na tentativa de localizá-la eu ouvi a batida de tambores e constatei que Lídia estava presente em uma seita do outro lado da baía. Durante toda a madrugada eu alternava as ligações e ouvia a orquestra a exaltar as entidades. Ao amanhecer eu fui a sua residência e ela jurava que dormira em casa e insinuava que eu estava ficando louco e morto de ciúmes.

O gosto da carne era cada vez mais intenso, o meu talhe continuava recebendo sempre uma remessa de óleo de massagem erótica. Eu navegava pelas nuvens como um pássaro agapornis colorido, quando surgiram placas salientes em minha pele e ninguém conseguiu desvendar o segredo. Havia feiticeiras a escanteio, agentes do medo, nas ruas desertas cruzadas. Uma mesa foi forrada de cana por mãos e joelhos ralados da beira da cama. Esta urticária me revelou que o que é do homem, o bicho não come.

Um dia atravessei a ponte Rio Niterói e visitei o templo o qual Lídia frequentava. O babalaô se trancara com algumas ninfetas em um dos cômodos do terreiro e isto me levou a frustração, pois a cena revelou que havia

seduções enfeitadas do curandeiro a mulheres manipuladas pelo líder da seita. Após vários dias descobri que a mais bela era conivente com o fato. Outras coisas foram acontecendo, o meu cartão de crédito era carregado de exauros. Lorotas e trapaças me atingiam e impiedosamente fui parar no fundo do poço. Perdi o tão precioso trabalho ao permitir que ela comercializasse algumas de suas mercadorias com funcionários que me depositaram total confiança, os ludibriando.

Não conseguia emprego, havia uma crise econômica que me levou fazer parte da estatística de milhões de brasileiros desocupados. As promessas de trabalho não eram cumpridas e sem dinheiro perdi a beleza, tornei-me um homem feio, sem encanto, desacreditado. Minha saúde ficou precária, tal qual a do meu país, que esperança eu poderia ter, se não tinha forças? Como poderia ter paciência, se não tinha futuro. Eu repetia essas palavras de Jó e o parafraseava na esperança de voltar a ser forte, mas em todo o tempo na companhia do odor e a imagem de Sophia. Lutei desesperadamente em busca da cura, da salvação, da libertação. Uma epifania me faria amar-me mais que Narciso amou a si próprio. Pisei na cabeça da serpente, dando-lhe um golpe fatal e o desprazer de possuí-la e ao mérito de me erguer novamente.

Epifania

A depressão me dominara naquela fase de desemprego e solidão. As paredes manchadas de minha casa retratavam imagens barrocas de animais mitológicos. Comecei a criar histórias com os personagens e fantasiei Sophia totalmente despida em cima de um centauro branco. Uma deusa de Atenas que enfrentava outros deuses em busca de minha imortalidade. De repente eu acordava, e ao voltar à realidade, o vazio me empurrava ao mundo dos moribundos.

Em algum lugar, alguém deveria estar rezando, clamando a Deus pela minha recuperação. As mulheres de Martinho jamais poderiam imaginar que aquele insaciável sedutor estava à deriva, que uma peripécia da vida o colocara de volta ao primeiro degrau da escada. Como adquirir força para subir se as articulações de minhas pernas já não possuíam mais cartilagem? Ouvia-se ao longe o ruído de meus ossos estalando a cada movimento. Tudo contribuía para a minha falência total.

A imagem e o aroma foram os únicos sentidos que permaneceram intactos. A minha visão ainda era como de um felino, eu até então possuía olhos de lince. O meu olfato era super apurado como daquele abutre que me observava lá do alto desejando-lhe o meu finamento. E foram essas percepções que me salvaram da sordidez, pois senti o cheiro da morte ao vê-la nas coisas ao redor.

A campainha de minha residência tocara e eu demorara a atender. Fui a caminhar lentamente até o portão e ao abri-lo, confrontei-me com uma jovem mulher, linda, de pele alva como a neve, cabelos estilo Elis e um sorriso fascinante. A bela criatura se apresentava como uma atleta paralímpica e arrecadava fundos para o patrocínio se sua caminhada esportiva. Permaneci tanto tempo a admirar aquela beldade que demorei a perceber a deficiência de Ághata, simplesmente Ághata. Com má formação congênita, ela escolheu o nado na piscina após ter iniciado o tratamento de bototerapia e se apaixonou pelas águas. Colaborei com a causa e voltei para cama, onde antes do momento epifânico, eu refletira sobre dificuldades minhas.

Foi fácil localizar Ághata, a minha heroína. Aquela que como um golfinho percorria elegantemente os cinquenta metros e agradecia à vida, a cada chegada. Passei a acompanhar as suas provas e a cada vitória, sentia-me revitalizado. Admirava o seu corpo, como o de uma sereia nas águas paradas dos lagos de Arcádia. Imaginava-a na ponta dos pés presa em meus braços, sufocada de beijos morosos que representariam o sabor e o prazer, todavia, a sua amizade foi bem explícita e não havia nenhuma possibilidade de um relacionamento. A opção do celibato deveria ser respeitada e isto não impediu que continuasse a reverenciá-la. Um ser encantador, que fazia parte de uma lista solitária de mulheres especiais da minha vida.

As paredes do meu quarto foram renovadas assim como a vontade de vencer novamente e pus-me a estudar e como um autodidata, aprendi um novo ofício a recuperar os bens perdidos me infiltrando mais uma vez no mercado de trabalho e tudo parecia ter ficado para trás.

Era o meu recomeço. Descobri que o único culpado da sua derrota é o próprio homem, que permite mutilar-se e abandona o sonho a se ver no espelho. Viajei para um lugar onde a natureza nos abençoa e desperta a vontade de cantarmos em versos, coisas da mata e do mar.

Há pegadas de aves famintas

Na areia do cais

É manhã do dia derradeiro

E as sobreponho sem fome

A trilha acaba e não posso voar

E sinto em meus pés a massagem do mar

É ele me convidando a entrar

Para ouvir a sinfonia dos frutos

Um pedaço de terra

Cercado por todos os lados

Aguarda a hora para explodir

Emoções em Paraty

Na metade da noite os raios colorem o céu

Seus estampidos assustam a fauna

E os mudos do champanhe adoçam os beijos

E o velho se foi

E o novo surge com o lindo nascer do sol

As aves se fartam na praia

Os peixes ressurgem do fundo

É o meu recomeço

Neste lugar, localizado entre a mata e o mar, eu cantei sonhos, eu vi o poeta seus versos declamar. Eram sobre os rios, as cascatas e os mistérios do mar. Eu vi a moça bonita cantar bossa na calçada. Eu vi a anciã que se equilibrava na pedra a bater um pandeiro com a destreza e a sutileza de um mestre funileiro. Eu comi fogaça com cachaça no sarau da criança madrugada e sonhava que dormia colado a uma costela matizada de bronze e acordava flutuando nas nuvens da pousada.

A Chance

Maria nasceu e criou-se em uma igreja evangélica tradicional, seus pais haviam sido abençoados pelos fundadores da instituição religiosa, um casal de pastores. Tivemos algo em comum, a infância pobre e a dedicação aos estudos. A jovem professora estava se formando em Direito e o seu tempo era dedicado à igreja e aos projetos acadêmicos da faculdade. Era alvo de chacota dos colegas, uma espécie de bullying devido a sua abstinência sexual ao cumprimento da doutrina, mas era respeitada pela maioria dos estudantes e pelos mestres e doutores por causa da sua enorme capacidade de aprendizagem e desenvolvimento. Com uma retórica inata, Maria desenvolvia um bom papel e tinha um futuro garantido na área judiciária.

Fui convidado por um amigo para assistir a um culto e a ouvi cantando louvores a Deus. Sua voz aguçada, amolada, invadiu os caracóis dos meus ouvidos a adentrar no meu âmago. Após o sermão, um contato direto: Recebi de Maria o convite para retornar a casa, que aceitei e encantado com a musicista, sonhei. A realização do sonho foi tão rápida que em quinze dias de namoro fui pedido em casamento e apesar da grande diferença de idade, uma só carne foi juntada na presença do terceiro vértice, Deus.

Em nosso momento único, eu tomei a iniciativa de levá-la ao nosso aposento e aos beijos calorosos nos despimos. Repentinamente, Helena se afastou de mim e correu para a cama a me admira e a cantar: O meu amado tem a pele bronzeada e se destaca entre dez mil; sua cabeça é como ouro; seus olhos são como pombas junto ao regato de águas, lavados em leite, incrustados como joias; seus braços são como cilindros de ouro com berilo neles engastado; seu tronco como marfim polido adornado de marfim; suas pernas são colunas de mármore firmadas em base de ouro puro. Sua

aparência é como o Líbano; és elegante como um ginete. O seu gesto transmutou-me em um esfomeado amante e desfrutei do amor da minha esposa, contudo, salteadamente eu ainda senti o odor e a imagem de Sophia.

Maria é de paz, pede que eu a beije com os beijos de minha boca; porque melhor seria o meu amor do que o vinho. Eu sou para a minha amada como um ramallete de mirra, posto entre os seios. Intertextualizo mais uma vez os cantares de um antigo rei a dizer que os seus lábios são como um fio de escarlata, e o seu falar é agradável; a sua fronte é qual um pedaço de romã entre os seus cabelos.

Conheço a harmonia em Maria e canto:

Deusa da praia, Helena de Paraty

Morena de tão rara beleza eu nunca vi

Tão conforme criatura de Deus

Cotejo-a a sublime arquitetura de Zeus

Moldada mulher que me encanta

E meus olhos diante de ti, Cristal

Veem o mito virar a realidade

E a tua beldade me incita a ser imortal

Como a Fênix, a ave que canta

Que fenece e das cinzas se levanta

Voaria com carinho para transportá-la

Ao meu ninho de cedros no mar

Uma preciosa pedra lapidada que decorou o meu ser e me trouxe o mais desejável estado de espírito, a paz, ao encher a minha vida de favo e mel.

Desencanto

Assistia a um programa de entrevista na televisão e ouvi a apresentadora dizer um nome: “Sophia Micheletti”. Fiquei estático na poltrona ergonômica que ganhei de Maria e descobri que a dona do meu cárcere residia em São Paulo. A entrevistada havia feito muito sucesso na Europa e voltara ao Brasil nos anos 90 e foi alvo de um programa que contava a história das celebridades estrangeiras residentes no país. Fiquei grudado na TV com a esperança de ser citado, mesmo que entre linhas eu pudesse entender. Ela contava feitos interessantes e passei a admirar aquela senhora de 87 anos de idade e percebi que ao término do programa a retiraram em uma cadeira de rodas. Senti vontade de vê-la, de tocá-la, de ouvir a sua voz. Pesquisei e descobri o seu endereço na cidade em que há caçadores de rios e que um dia me inspirou a escrever que o que era mata virou pedra, os rios e suas águas usadas viraram asfalto e latrinas, águas impuras e escoadas, as nascentes dos rios vanesceram, os nativos não se banham mais nas fontes de águas cristalizadas que remoçavam seus semblantes de sais, guiadas pela praga da capital. Dragas gigantes aplainaram o sítio, basculantes despejavam barros e ao redor betoneiras dançavam. Nascia o piche, o cimento e a brita, arena dos pegos dos pivetes, que antes era os rios dos nados dos moleques. Ainda há pepitas de ouro no subsolo se misturando ao excremento em direção ao sumidouro de lentas águas correntes.

Via ponte aérea, eu parti para São Paulo e ao chegar frente a sua moradia, no Largo do Arouche, Sophia surgiu na calçada a ser guiada por uma enfermeira que a conduzia à relva aparada do jardim da praça. Os raios de sol eram tímidos ao penetrar em seu rosto. Eu estava a dois metros de sua cadeira de rodas, quando a chamei pelo seu nome:

-Sophia.

E logo ela ergueu seu afadigado rosto e a forma de sua boca desenvolvia uma amabilidade jamais esquecida, porém os sulcos de sua pele apagavam a beleza que minha lembrança armazenava durante todos esses anos. Ela não me reconheceu, mas não perdeu a gentileza ao erguer lentamente um de seus braços a acenar, como se não quisesse ser incomodada.

Como ela pode não se lembrar daquele que durante décadas armazenou seu perfume? Eu não conseguia mais sentir o olor agradável que senti naquela noite inesquecível que acompanhou meus passos a cada façanha erótica. Erotismo que por sinal eu conhecia muito bem, pois definia como uma paixão de amor ou uma representação explícita da sexualidade, podendo ser relacionado com o amor lascivo.

Uma visão e um olfato se desfaziam do meu consciente e eu conseguia finalmente me livrar daquele sentimento paralelo que me perseguia em todos meus encontros amorosos. Foram milhares de beijos com a lembrança de seus lábios, diversos amores com sua presença e no ápice da ledice era a imagem de Sophia na cama.

Voltei ao meu aconchego e durante a viagem, dentro do avião, eu admirava a beleza da encantadora Cidade do Rio de Janeiro. Pela primeira vez dei conta de que eu era um ser privilegiado. Havia um leque de belezas naturais e outras coisas que eu nunca havia percebido. Quando minha jovem esposa abriu a porta, pulou em meus braços e me deu um beijo, senti uma enorme sensação de liberdade, de fuga de uma prisão que jamais imaginava me libertar. Corremos para o quarto e a saudade era morta com intenso amor, e quando lasso de tanto prazer, olhei para o lado e assisti a imagem de Maria que estava a sorrir de gosto, “O Gosto da Carne” que um dia ela também poderá querer se libertar, pois terei pregas, vincos que se formarão na minha pele ao longo do meu processo de envelhecimento, contudo, talvez eu nunca perca a memória de Maria:

Não te Esqueceria

Não consigo lembrar o teu nome
Recordo-me apenas do teu rosto
Belo como o de Colgate
E sedutor como o de Bar

O teu nome foge de repente
Mas o teu semblante retoma
A vontade que tenho de evocar
Tua provável identidade

Esforço-me para lembrar
Deve ser um nome diferente
Como Sofia, Gina, Úrsula
Eternas criaturas da minha mente

Ah! Lembrei-me do teu nome:

- Chamo-te de Maria
- Jamais te esqueceria
- Chamo-te de Maria

Vivo a sonhar, o tempo passa e aprendi a mentir ao escrever que passa alguém, passa ninguém, passa o silêncio da madrugada, passa a sombra do avião, passa o medo das quebradas, passa o comboio na estrada, passa o calor da ressacada, passa a chuva de trovoadas, passa a agonia da canzoada, passa o lago da cidade, passa o susto do monarca, passa tudo, passa nada, só não passa você e só não passa a saudade. A poesia me abduziu ao mundo harmonioso de palavras. Uma arte alimentada por dois sentidos que se cruzam, uma sinestesia que parece nunca acabar. A minha história será contada de diversas maneiras, todavia a minha poesia será imutável.

É o Meu Desejo

Bem adiante, desejo que seja em cinzas
Que quando os braços me arremessarem
O vento me distribua a lugares
Onde passei e deixei saudades

Que partículas minhas tragam lembranças
Das aventuras e venturas
Dos desamores e amores
E que algumas adentrem no céu

É o desejo de quem escreve
O que deseja o coração
Não esqueça o que desejo
Pois simplesmente, desejo